

EM BUSCA DO TEMPO ESQUECIDO

Sonia Cristina Soares Dias Vermelho*

Ana Paula Machado Velho**

André Andrade***

“[...] o uso do planeta exige a organização do espaço e do tempo”.
Milton Santos

“O futuro é, no entanto, apenas virtualidade. Ainda é tempo de agir-
mos. O progresso não é automático, mas resultante de vontades e
liberdades humanas...” Vilém Flusser

No título, parafraseando a clássica obra de Marcel Proust para inspirar a discussão sobre a qual o tempo assumiu, na atualidade, grandes dimensões, particularmente em função da atual base técnica que tem por princípio organizar a vida humana. Tomando como alicerce teórico principalmente a geografia e a filosofia, a discussão sobre o tempo neste artigo articula-se em torno das técnicas de comunicação e do sujeito.

Historicamente a geografia tem como objeto de investigação o meio físico, contudo, a impossibilidade de separar os conceitos de espaço e de tempo, obrigou-a a buscar uma articulação entre ambos. O elemento articulador-conector dos conceitos de espaço e de tempo é a **Técnica**, pois esta participa profundamente da produção da percepção do espaço e do tempo, tanto pela sua materialidade, que marca as sensações diante do tempo, quanto pelo imaginário que a circunscreve. Como diz Santos (1999, p. 45): “a técnica é, pois, um dado constitutivo do espaço e do tempo operacional e do espaço e do tempo percebidos”.

Neste artigo, portanto, para discutir a categoria Tempo iremos nos deter sobre as técnicas comunicacionais operadas com as novas tecnologias digitais as

* Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP; Docente pesquisadora do NUTES Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

** Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP; Docente de Pós-graduação *Lato Sensu* e *Stricto Sensu* (Mestrado) do Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR, Maringá (PR), Brasil.

*** Graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR; Discente de Filosofia, na Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá (PR), Brasil.

quais repousam de forma imprescindível no imaginário do sujeito contemporâneo. É certo que estamos ainda no meio de uma transformação incisiva nas formas tradicionais de comunicação e, portanto, de operação e de percepção do tempo e do espaço; e os sujeitos oscilam ainda entre as possibilidades de se tornar um ser social pleno ou um mero receptor de mensagens e de produtos que crescem em progressão geométrica.

Com isso, cabe pensar sobre a produção de informação e sua recepção, tendo em vista que o principal efeito que traz para a sociedade é a produção (ou não) de uma memória individual e coletiva, portanto, de nossa própria história. Nesse sentido, história e geografia se intersectam definitivamente em torno da técnica comunicacional das sociedades. Segundo Simondon (*apud* Santos, 1999), quanto mais próximo da natureza é um dado objeto, mais imperfeito ele é; quanto mais tecnicizado, mais perfeito e, com isso, maior é o comando por parte do sujeito. Se pensarmos nas técnicas de comunicação como técnicas que possibilitam a criação de nossa memória, poderíamos pensar que estamos alcançando condições melhores de constituição de nossa memória coletiva, de nossa história, portanto de material empírico e perceptivo capaz de nos permitir uma condução mais eficaz quanto aos rumos da vida no planeta.

Contudo, ainda que concordando com o pensador francês Edgar Morin, que a evolução da comunicação reflete a própria evolução da humanidade, talvez estejamos indo em caminhos opostos: quanto mais sofisticadas as técnicas de comunicação, menor a nossa capacidade de construir nossa memória, de apreender o tempo e aprender com ele.

Os meios progridem, hoje, sob uma rubrica que alguns autores classificam como a pós-modernidade; também progride a relação que o sujeito possui com eles. O espaço denota como tomado de uma essência mais virtual do que material, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias digitais o configuram e reconfiguram de acordo com necessidades mutantes. A problemática reside, então, em analisar quais as implicações destas modificações na estrutura social e no imaginário individual e coletivo?

Na área da comunicação, as discussões se voltam para a elucidação dessa questão, a qual encontra em muitas teorias indicações para onde irá seguir o

ambiente digital desenvolvido nestas últimas décadas. Algumas delas se preocupam profundamente com o que se ganha ou se perde na consciência do indivíduo-espectador e ator dessa revolução diária. Particularmente, sobre as mudanças na maneira como o homem recebe e interpreta as mensagens e objetos a partir, principalmente, da configuração de hipermobilidade que as técnicas de comunicação com base digital vêm promovendo. Nesse contexto, emoldura-se uma cultura de consumo exacerbado, estabelecida pela globalização e plena consolidação do capitalismo; a necessidade contínua de informação; a hipervalorização do indivíduo tendo o hedonismo e o niilismo como princípios comportamentais; todos simbolizando fenômenos sociais e psicológicos fundamentais no imaginário social.

Perspectivas de autores como Jean Baudrillard, Marshall McLuhan, Vilém Flusser, Joshua Meyrowitz, Theodor Adorno, Milton Santos entre outros, contribuem profundamente para o esclarecimento destas questões. Se por um lado assistimos há a uma possibilidade maior de interações através das novas tecnologias, como previu McLuhan na década de 1950 (*O meio é a mensagem*, 1980), por outro temos a impressão de que algo ficou para trás na consciência do sujeito, e que a memória é algo muito fluido, fugaz, efêmero. A desconstrução do que representa a cultura do consumo feita por Baudrillard, que apregoa a praticamente tudo o valor de objeto (*A Sociedade do Consumo. Primeira Parte "A liturgia formal do objeto"*, p. 15-27, 1970), repousa como válida em um panorama um tanto quanto pessimista - ainda mais se observado do ponto de vista da valoração extremamente efêmera que o mercado prega. Mas esta soberania do presente passageiro por mais que alcance níveis jamais vistos na estrutura social do consumo, pode carregar consigo algum benefício como defende o filósofo francês Gilles Lipovetsky (*O Império do Efêmero*, 1989).

De qualquer forma, defendemos que a hipervalorização do presente é resultado do complexo técnico comunicacional da atualidade, a qual vem se formando ao longo dos últimos séculos. A reconfiguração das estruturas de espaço e tempo acontece sobre uma base material em que o espaço e seu uso e o tempo e seu uso se dão a partir das técnicas que permitem ao homem se apropriar dos recursos do planeta de uma maneira que indicam a abertura de um "novo tempo". E a produção de informação em consequência de sua importância e necessidade entra

incisivamente nesta problemática.

Quais os benefícios e prejuízos das novas tecnologias para sujeito e os coletivos, para nossa história e memória? Paul Virilio afirma no livro *A Bomba Informática*, editado em 1999, como a crescente aceleração da vida cotidiana é de suma importância para o entendimento da nova estrutura temporal/espacial. A recepção das informações no contexto do imediatismo impõe novas dinâmicas para a vida cotidiana. Pois tanto economicamente como culturalmente, é a totalidade que governa nossas práticas e valores. As novas técnicas de comunicação modificam os mecanismos em torno do “temporizador” para a memória, cuja medida está se tornando muito pequena dada a velocidade com que podemos acessar informações; o ritmo imposto pelas técnicas atuais de produção de informação intensificam o ritmo da comunicação; esse fenômeno é algo que certamente marca nosso tempo. A História, para alguns, perde sua relevância, em que o mito do “eterno retorno” de Nietzsche passa a representar para nós hoje sua face mais perversa: a de se reinventar permanecendo a mesma o tempo inteiro, num fluxo de tal grandeza e velocidade que impede qualquer tentativa de raciocínio, de memorização, portanto, de compreensão.

Entre essas posições extremas de pessimismo em relação ao nosso futuro e posições coerentes de análise da atualidade, pensamos que a história já nos mostrou em inúmeras situações que a História não é apreensível de maneira tão simples e instantânea. Apesar da velocidade em que a informação é criada e recriada, o sujeito ainda é um sujeito histórico, portanto, portador de uma memória. Talvez nossas preocupações devessem se voltar para entender como nossa percepção vai se adequando, se ajustando e emoldurando-se aos novos tempos comunicacionais, pois como já dizia Benjamin em meados do século passado, nosso aparelho perceptivo se “ajusta” às tecnologias inventadas a cada período. Pensamos que não se trata da perda da memória, mas de outro tipo de memória, outra forma de lidar com o tempo, estranho a nós ainda.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **La société de consommation**. Primeira parte: A liturgia Formal

do Objeto. Paris: Denoël, 1970.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Huatec, 1985.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

McLUHAN, Marshall. **O meio é a mensagem**. São Paulo, Mosaico, 1980.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

VALRVERDE, Monclar. **A plasmação dos sentidos**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/Pos/monclar/sentidoI.html>>. Acesso em: 2014

VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

Recebido em: 17 de setembro de 2013

Aceito em: 09 de novembro de 2014